

DIÁRIO DA QUARENTENA

A pandemia de Covid-19
como acontecimento

Vera França
Paula Simões
Terezinha Silva
Fabíola Souza
Samuel Silveira
(Organizadores)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitora: Sandra Regina Goulart Almeida
Vice-Reitor: Alessandro Fernandes Moreira

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Bruno Pinheiro Wanderley Reis
Vice-Diretora: Thais Porlan de Oliveira

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Coordenador: Bruno Souza Leal
Sub-Coordenador: Carlos Frederico de Brito D'Andréa

SELO EDITORIAL PPGCOM

Carlos Magno Camargos Mendonça
Nísio Teixeira

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana Carolina Escosteguy (PUC-RS)	Kati Caetano (UTP)
Benjamim Picado (UFF)	Luis Mauro Sá Martino (Casper Libero)
Cezar Migliorin (UFF)	Marcel Vieira (UFPB)
Elizabeth Duarte (UFSM)	Mariana Baltar (UFF)
Eneus Trindade (USP)	Mônica Ferrari Nunes (ESPM)
Fátima Regis (UERJ)	Mozahir Salomão (PUC-MG)
Fernando Gonçalves (UERJ)	Nilda Jacks (UFRGS)
Frederico Tavares (UFOP)	Renato Pucci (UAM)
Iluska Coutinho (UFJF)	Rosana Soares (USP)
Itania Gomes (UFBA)	Rudimar Baldissera (UFRGS)
Jorge Cardoso (UFRB UFBA)	

www.seloppgcom.fafich.ufmg.br

Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, sala 4234, 4º andar
Pampulha, Belo Horizonte - MG. CEP: 31270-901
Telefone: (31) 3409-5072

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D539

Diário da Quarentena [livro eletrônico]: a pandemia de COVID-19 como acontecimento / Organizadores Vera França... [et al.]. – Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020. 492 p. – (Olhares Transversais – v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86989-04-5

1. Comunicação Social. 2. Pandemia. I. França, Vera. II. Simões, Paula. III. Silva, Terezinha. IV. Souza, Fabíola. V. Silveira, Samuel. VI. Série.

CDD 302.2

Elaborado por Maurício Armormino Júnior – CRB6/2422

CRÉDITOS DO E-BOOK

© PPGCOM/UFMG, 2020.

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Atelier de Publicidade UFMG
Bruno Guimarães Martins

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Bruno Guimarães Martins
Daniel Melo Ribeiro

DIAGRAMAÇÃO
Gracila Vilaça

O acesso e a leitura deste livro estão condicionados ao aceite dos termos de uso do Selo do PPGCOM/UFMG, disponíveis em:
<https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/termos-de-uso/>

COTIDIANO

Em todo o país, o isolamento social impõe um cotidiano diferente, que revela e salienta práticas e vivências antes inexistentes ou invisíveis. A vida cotidiana nos pequenos municípios sente os impactos da Covid-19, que expõe as fragilidades estruturais e o abandono do poder público. No Sertão do Nordeste, a chegada das chuvas dá um outro significado para a pandemia, ajudando a amenizar a tragédia. Nas relações de trabalho, a gratidão pela demissão aponta para um futuro perigoso.

Um novo cotidiano: como estamos vivendo o isolamento social?

VERA FRANÇA APONTA A RECONFIGURAÇÃO
DAS PRÁTICAS DA VIDA COTIDIANA

A presença da pandemia e as medidas de prevenção alteraram profundamente nossa vida do dia-a-dia. Adotando o isolamento social, estamos vivendo um cotidiano diferente, que revela e salienta práticas e vivências antes inexistentes ou invisíveis. Retornaremos ao nosso velho cotidiano — ou sairemos diferentes dessa experiência?

“Cotidiano” se refere ao conjunto de atividades que fazemos rotineiramente em nossas vidas, ao nosso dia-a-dia. O cotidiano das pessoas não é necessariamente igual — o cotidiano de uma empregada doméstica não se assemelha ao de uma deputada federal. No entanto, em uma cultura, e dentro de grupos sociais específicos, ele é bastante padronizado. Ou seja, nossas condições de vida, dentro de um determinado lugar na sociedade, definem e organizam em grande parte o nosso cotidiano.

Para a maioria de nós, ele é, via de regra, estável e repetitivo. Embora alguns se queixem de sua monotonia, essa estabilidade desempenha um papel importante para nossa segurança emocional.

Ora, uma das mudanças mais significativas trazidas por um acontecimento é a maneira como ele intervêm e desorganiza nosso cotidiano.

Pense no nascimento de um bebê em nossa casa ou na experiência de uma comunidade que sofre uma inundação. Nada continua como antes, pelo menos durante certo tempo.

A pandemia e as decorrentes medidas de prevenção trouxeram uma profunda — e além do mais duradoura — carga de mudança em nosso cotidiano. Não vou me referir às pessoas e famílias que foram atingidas pelo coronavírus. Essa é certamente a situação mais dramática dessa experiência, completamente diferente de nossos procedimentos habituais quando da doença e morte de familiares. Tampouco às pessoas que, por razões diversas, se veem na contingência de continuar trabalhando.

Falo do dia-a-dia da parte da população que, consciente do risco, e tendo condições de fazê-lo, assumiu o isolamento social. Nesse novo cenário, fomos obrigados a construir um novo cotidiano, a estabelecer um novo padrão de normalidade em condições completamente fora do habitual.

De um lado, temos uma série de coisas que não fazemos mais — encontrar pessoalmente com parentes e amigos, participar presencialmente de atividades sociais e culturais (cinema, restaurante, eventos), frequentar shoppings e academias — entre outras.

Mas é importante também registrar coisas novas que, embora parte de nosso antigo cotidiano, dele não faziam parte na mesma proporção. Senão vejamos:

Para muitos(as) de nós, os cuidados com a casa (limpeza, manutenção) passaram a ocupar um lugar muito maior em nosso cotidiano. Limpar, lavar, cuidar das plantas e animais tornaram-se atividades constantes — e onerosas — em nossa vida reclusa.

Da mesma maneira, a cozinha deixou de ser um hobby de final de semana, ou uma improvisação do dia a dia, e ganhou papel de destaque. Se muitos passaram a utilizar os serviços delivery, outros tantos assumiram firmemente o forno e fogão, experimentando receitas, se exercitando no ofício de padeiro e de chef.

A condição de nossa vida doméstica — individual ou familiar — se viu exacerbada. Para os que vivem sozinhos, a casa solitária se fez sentir com mais intensidade. Da mesma maneira, a vida de casal ou do núcleo familiar de 3, 4 ou mais pessoas está sendo vivida plenamente. A

divisão de espaços, a convivência de 24 hs — para o bem e para o mal — chegaram ao seu paroxismo. Estamos vendo, ouvindo e conhecendo as pessoas com quem convivemos de outra forma. Laços vão se intensificar — ou se desfazer — depois da pandemia.

A internet (via computador e/ou celular) já fazia parte de nossas vidas, porém, nesse novo tempo, ela adquiriu absoluta centralidade e se tornou imprescindível. Embora não dispondo ainda de dados fornecidos por pesquisas, é possível levantar a hipótese de que as horas dispendidas diariamente com a internet aumentaram substancialmente. Seja para se informar sobre a doença e sobre a situação no Brasil e no mundo, para acompanhar figuras públicas nas redes sociais, para falar com amigos ou desenvolver atividades com colegas de trabalho, estamos ligados na internet de manhã à noite. Chats, lives, videoconferências, conversas em grupo de WhatsApp, eventos virtuais para comemorar aniversário ou outras datas festivas se tornaram usuais. Sem falar no tele-trabalho, com milhares de pessoas que passaram a desenvolver suas atividades profissionais à distância — desde aulas e reuniões de serviço até consultas médicas.

O uso da internet na situação de confinamento desencadeou situações interessantes. Uma delas é a penetração nos “bastidores” da vida de nossos interlocutores. Passamos a conhecer o interior de casas que não frequentávamos, inclusive a flagrar situações de intimidade de pessoas conhecidas apenas socialmente. Apesar do contato apenas à distância, de certa forma nos tornamos mais próximos, do ponto de vista pessoal, dos amigos e colegas.

Também aproveitamos para resgatar o contato com familiares, antigos amigos que não víamos há muito tempo. O risco partilhado desencadeou uma identificação pelo destino comum: como estamos enfrentando essa experiência inusitada? Ao final sobreviveremos todos?

Por fim, temos que falar da presença da morte e do cuidado com a vida. Mesmo se corremos risco diversos ao longo de nosso dia-a-dia, nossa cultura mantém a morte à distância — não falamos nem pensamos muito nela. A pandemia foi a primeira experiência das atuais gerações de proximidade da morte e de nossa vulnerabilidade. Nossos cuidados de preservação (a máscara, a higiene das mãos, a distância social) atua-

lizaram o medo de morrer e o valor da vida. (Verdade que convivemos com genocidas, inclusive na presidência da República. Também essa questão mostra a falta de humanidade — a indecência ética — dessa figura que foi eleita para presidir o país).

Esse novo cotidiano ainda não se normalizou. Tem sido acompanhado de ansiedade, tensões, insônia, dificuldade de concentração. Ainda que, até o momento, preservados do vírus, não estamos ilesos no contexto da doença.

Mas uma outra pergunta paira no ar: depois de tudo passado (um dia irá passar...), iremos retomar nosso antigo cotidiano? Será possível — e queremos de fato — retomar da mesma maneira nosso modo de vida? Ou essa experiência está nos transformando, bem como ao modelo de vida vigente até então?